

Indústria Cultural, corpos falíveis e a necessidade de impressionar

Luciana Azevedo Rodrigues
UNIOESTE/UFSCar

RESUMO: Neste ensaio é feita uma reflexão sobre o modo como o corpo e os sentidos humanos vêm reagindo a um progressivo bombardeio de experiências corporais intensas e radicais, promovidos pelos produtos da indústria cultural. Primeiramente o trabalho discute a dominação da natureza no processo de constituição do sujeito esclarecido e resgata os conceitos de formação e semiformação desenvolvidos por Theodor Adorno, para se compreender a natureza dos obstáculos postos pela indústria cultural à educação do corpo e dos sentidos. Posteriormente discorre sobre o desenvolvimento das novas tecnologias no interior dos produtos da indústria cultural e os impactos sobre a excitação máxima dos sentidos humanos. Por fim, reflete acerca da espetacularização do corpo no cotidiano, como um produto da indústria cultural, capaz de atualizar o controle sobre o corpo, especialmente dos elementos não idênticos que o constituem. Para tanto, e retomando o conceito de Adorno e Horkheimer de amor e ódio pelo corpo, reflete sobre a conservação do corpo como natureza não completamente dominada.

PALAVRAS-CHAVE: corpo humano, indústria cultural, Adorno

ABSTRACT: This paper reflects as the human body to reaction in front of extremes experience caused by the products of the culture industry. First, the paper addresses the domination of nature in the process of the constitution of the enlightened subject. It also rescues the ideas of erudition and semi-erudition developed by Theodor Adorno to understand the obstacles imposed by the culture industry for the body and senses education. Later, it discusses the development of new technologies in the products of the culture industry, and the impacts caused by them on the body "education" and on the human perception. Finally, it demonstrates how the daily routine, turned into a show by the culture industry, updates the idea of loving and hating the body developed by of Adorno and Horkheimer, and it expresses the cult of body as nature not completely dominated.

KEYWORDS: human body, culture industry, Adorno.

INTRODUÇÃO

Neste texto buscamos refletir sobre o fenômeno da excitação máxima dos sentidos, o que tem feito do corpo humano um espetáculo que constitui, cada vez mais, o cotidiano dos indivíduos na sociedade contemporânea. Ao estudar esse fenômeno, no interior de relações sociais mediadas pela indústria cultural e, portanto, determinado pela intensidade e pela velocidade, próprias do mundo global e virtual, visamos indagar em que medida seus conteúdos correspondem à manutenção da falsa identificação entre indivíduo e sociedade; enquanto preservam, ao mesmo tempo, elementos que tornam manifesta tal falsidade. Partimos do pressuposto de que persiste na base desse fenômeno, marcado pela progressiva adaptação física e sensível do indivíduo às relações sociais instáveis e homogêneas de uma sociedade globalizada, um momento de negação e de resistência do individual frente a tal adaptação. Consideramos, retomando as reflexões de Türcke, presentes em “A sociedade da Sensação”, que um indício disso se apresenta na exigência contraditória de que os produtos da indústria cultural, necessários para a promoção dessa identificação, precisam aparecer sob formas cada vez mais espetaculares e chocantes, para vencer o desgaste dos sentidos por eles mesmos promovidos, a fim de serem percebidos.

O desgaste dos sentidos não é aqui tomado simplesmente como algo em si negativo, mas como algo que expressa toda a força da negatividade para se pensar a educação corporal. Noutras palavras, é visto como um indicativo de recusa e de resistência a partir do qual o particular reage frente à coerção do sempre igual. Para pensar a busca pela excitação do corpo em todos os seus sentidos, e sua conseqüente espetacularização, destacamos algumas práticas sociais contemporâneas, sem, entretanto, analisá-las empiricamente. São elas: espetáculos em que corpos humanos, freqüentemente jovens, são suspensos por meio de roldanas, cabos de aço e ganchos que atravessam a pele, diante de um público que garante ser tal experiência capaz de arrebatá-los qualquer sofrimento⁵⁰; esportes espetaculares capazes de levar à produção de altos níveis de adrenalina no corpo, conhecidos como esportes radicais e, ainda, o espetáculo de uma beleza contemporânea fundada em níveis extremos de magreza, exaltação de padrões de beleza que ameaçam a integridade física de meninas adolescentes.

Experiências como o mergulho terrestre, precursor do brinquedo *Bungee jump*⁵¹; o jejum e o *fastidium*⁵², precursores dos distúrbios alimentares hoje conhecidos como anorexia e bulimia nervosas; os rituais de tribos indígenas americanas e indianas, precursores de um dos mais recentes meios de diversão, a suspensão por ganchos de corpos humanos difundem-se espantosamente em nossa época, indicando quão intensa tem sido a relação que ora estabelecemos com o

corpo. Embora algumas dessas práticas apresentassem conteúdos religiosos e míticos explícitos, atualmente, tornam-se bem sucedidas quando desligadas, ao menos na aparência, dessas características e associadas a técnicas e instrumentos tecnológicos e científicos, passando a ser constantemente difundidas como produtos da indústria cultural.

A identificação dos indivíduos com experiências intensas e que tendem a excitar o corpo em seu máximo apresentam-se como objeto de estudo que precisa ser analisado no interior das relações sociais determinantes e determinadas pelos produtos da indústria cultural, cada vez mais refinados tecnologicamente. Tais experiências vêm chamando a atenção de vários estudiosos dos produtos da Indústria Cultural, dentre eles podemos citar Zuin (2004), Vaz (2003), (Lastória 2004). Esses estudos, assim como este trabalho, buscam desenvolver uma reflexão sobre o sacrifício da natureza humana nos dias atuais, assim como sua relação com a urgência de ser percebido publicamente. Propõe-se, aqui, admitir a crescente relevância atribuída a esse fenômeno, para, a partir daí, estudá-lo como um fascínio que confirma o existente, isto é, como um mecanismo que em vez de romper com o mito o reinstala, a fim de conduzir à progressiva adaptação do indivíduo a um contexto social persecutório, que exige cada vez mais aptidão para enfrentá-lo. Nesse sentido, é possível dizer que a aproximação dos indivíduos a espetáculos forjados na experimentação dos limites corporais da dor, do medo, do horror, do êxtase e da pura adrenalina serviria como um mecanismo capaz de enrijecer o eu para o enfrentamento e a suportabilidade de dores, medos e horrores que se acentuam no estado de coisas vigentes? Os indivíduos, experimentando os limites da dor, aprenderiam a cultivá-la como algo que está sempre um passo a frente, explicitamente localizada em espaços estreitos, delimitados, previsíveis e controláveis, e jamais no todo, nas relações sociais marcadas pelo sempre igual e, portanto, presente nos espaços sociais em geral?

Para tentar encontrar respostas a essas questões, entendendo que a percepção humana e a relação estabelecida com o corpo não podem ser explicadas tão somente a partir da biologia, da biomecânica ou da química, buscamos investigar as condições objetivas e subjetivas que viabilizam a onda de excitação do corpo como uma expressão do espírito do nosso tempo, especialmente com base nos pressupostos frankfurtianos acerca dos produtos da indústria cultural e de seu progressivo refinamento, expresso na inserção do computador, da Internet e das experiências virtuais, no tempo de trabalho e no tempo "livre" dos indivíduos.

Benjamin já afirmava, em seu texto de 1939, *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*, que "o filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana." (BENJAMIM, 1985, p.174). Com isso, o pensador

alerta para a necessidade de se compreender que a indústria da cultura não leva tão somente à difusão de ideologias cujo papel serve ao *status quo*, mas promove também uma educação dos sentidos humanos.

Tal educação não cessa diante das novas tecnologias em destaque na sociedade globalizada, ao contrário, ela passa a ser intensificada com a subordinação dos sentidos e das experiências corporais a um bombardeio ainda mais intenso de imagens e experiências progressivamente mais chocantes. Seu poder, contudo, parece esbarrar, mais uma vez, na natureza que constitui o indivíduo e que se expressa na fadiga de seus sentidos, estimulados ininterruptamente pelos produtos da indústria cultural, e que precisa, por sua vez, ser superada. Essa contradição, apontada por TÜRCKE em seu texto *A sociedade da sensação* (2000), fornece a base para as reflexões aqui apresentadas.

A primeira parte do trabalho, denominada O esclarecimento e a dominação do corpo ampara-se na análise de Adorno e Horkheimer contida na *Dialética do Esclarecimento* (1986). Nela, discute-se a relação de dominação da natureza no processo de constituição do sujeito esclarecido, especificamente o momento de negação do corpo e dos sentidos enquanto expressão da natureza humana, que, assim como a natureza externa, precisaram ser submetidos ao controle, à manipulação e à dominação. Ainda nessa primeira parte recorre-se aos conceitos de formação e semiformação desenvolvidos por Adorno, na *Teoria da Semicultura* (1996), para se compreenderem os obstáculos postos pelos estereótipos difundidos e intensificados pela indústria cultural para a educação do corpo e dos sentidos. O tópico seguinte, intitulado A educação do corpo e dos sentidos no estágio atual da Indústria cultural discorre sobre o desenvolvimento das novas tecnologias no interior dos produtos da indústria cultural e os impactos desse desenvolvimento sobre a “educação” do corpo e da percepção humana.

Por fim, apontamos como o cotidiano tornado espetáculo pela indústria cultural atualiza o conceito de Adorno e Horkheimer de amor e ódio pelo corpo, destacando como, ao mesmo tempo, o corpo, submetido a uma maior manipulação, com a difusão dos produtos da indústria da cultura, conserva-se como natureza não completamente dominada, constituído de elementos contra os quais tais produtos se revelam impotentes. O trabalho fundamenta-se nos conceitos de indústria cultural, de Adorno e Horkheimer (1986); de sociedade da sensação, desenvolvido por C. TÜRCKE (2000); de sociedade do espetáculo, de G. Debord (1997) e o de pastiche, apresentado por Frederic Jameson (1985).

O ESCLARECIMENTO E A DOMINAÇÃO DO CORPO

Adorno e Horkheimer, na obra *Dialética do esclarecimento* (publicada originalmente em 1947) analisam como o processo de formação do sujeito esclarecido exigiu o estabelecimento de uma relação estreita de dominação da natureza. A partir daí, a dimensão corpórea e sensível do ser humano, manifestação da natureza no homem, foi subordinada ao controle irrestrito da racionalidade instrumental.

Conforme os frankfurtianos, o processo civilizatório buscou reprimir a lembrança de que a natureza constitui o ser humano, tendo em vista todo o empreendimento cultural produzido pela civilização. Tudo o que representava a natureza passou a ser compreendido como mero material sem vida, coisa morta, matéria a ser manuseada, manipulada e transformada. Dentro dessa perspectiva, os autores apresentam dois conceitos que expressam a conversão do corpo vivo em material a ser manipulado. Como eles mesmos asseguram,

não se pode mais reconverter o corpo físico (Körper) no corpo vivo (Leib). Ele permanece um cadáver, por mais exercitado que seja. A transformação em algo morto, que se anuncia em seu nome, foi uma parte desse processo perene que transformava a natureza em matéria e material (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 218)

Numa ligação opressiva entre sensibilidade e racionalidade humana os mistérios que envolviam o corpo como órgão sensível foram destruídos, juntamente com aqueles que enredavam a natureza externa. Tal como ela, o corpo vivo (ou *Leib*) passou a ser corpo físico ou (*Corpus*), isto é, algo passível de exploração e de dominação humana, cuja reanimação deixou de ser possível, por mais exercitado que fosse. A ênfase dos autores sobre a “morte” do corpo parece se sustentar numa forma distinta de compreendê-lo. Nela, o corpo não se reduz a um objeto físico-químico, mas torna-se fundamental para o exercício de uma racionalidade auto-reflexiva capaz de recordar e de não se conformar com tal redução. A oposição à definição de natureza como matéria e material adquire em Adorno um caráter de denúncia da manutenção do mito, cada vez mais presente na racionalidade, que acredita possuir o controle absoluto do corpo.

Adorno e Horkheimer asseveram que no processo civilizatório o indivíduo desenvolveu uma relação de amor e ódio pelo seu corpo e pelo de outras pessoas. Tal relação, produzida no interior da racionalidade técnica e da tecnologia, assume uma importância significativa no pensamento de Adorno. Ela é compreendida aqui no sentido de que, ao mesmo tempo em que o corpo é submetido ao controle e a uma reeducação de suas percepções, necessária ao processo de adaptação do

indivíduo às relações sociais cada vez mais excludentes e coercitivas, ele também conserva em si elementos que expressam a não-dominação, e a não menos fundamental representação da natureza, não inteiramente dominada.

Conforme os autores, o sentimento de amor e ódio em relação ao corpo tem suas raízes no terror provocado pela lembrança da dissolução do indivíduo na natureza, como também da recordação da sua repressão. Recordar essa repressão significa, para o sujeito esclarecido, lembrar a violência presente no processo civilizatório de negação e dominação da natureza, que conta até hoje com a identificação de uma corporeidade rigidamente adequada à civilização: um *Corpus* definido, quantificado, mecânico. A forma mais acabada dessa relação com o próprio corpo, afirmam Adorno e Horkheimer "... é o indivíduo violento e rancoroso, que já não suporta a menor expressão daquilo que conduz à rememoração de sua constituição orgânica vivente..." (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 217). Como expõem os autores, uma vez que não se pode mais reconciliar o espírito e seu objeto, o indivíduo vinga-se sobre a possibilidade de vida que ousa resistir à coisificação. Esse rancor parece se aprofundar quanto mais se difunde o modelo ideal de corpo belo e controlável. O sofrimento físico parece acompanhar a interiorização deste ideal pelo indivíduo, como uma sombra, que sempre se deve suprimir. Nesse sentido, as experiências corporais antigas e atuais parecem se aproximar, como se dois extremos, mito e razão, se tocassem.

De acordo com Adorno e Horkheimer, o primeiro serviço prestado pela indústria cultural aos seus clientes é apresentar a multiplicidade dos dados reais previamente selecionados e classificados, "liberando-os" do envolvimento com a multiplicidade sensível da realidade e da necessidade de eles mesmos selecionarem os dados imediatos conforme os efeitos neles provocados. A indústria cultural teria também a capacidade de organizar minuciosamente os dados imediatos e de definir de antemão a nossa percepção em relação ao próprio corpo? Assim, da mesma forma que a indústria cultural expropria do indivíduo a experiência com a realidade, dele também subtrai a relação com o corpo, que só passa a ser suprida pela conservação do estereótipo? Reconhecer tal capacidade talvez seja uma forma de a ela se opor.

Embora não discutam diretamente tais questões, Adorno e Horkheimer ajudam a pensar sobre elas, especialmente quando denunciam que as percepções humanas constituintes do exercício intelectual e imaginativo são dispensáveis quando o objetivo é apreender os produtos da indústria cultural. Em suas palavras, tais produtos

São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a

atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos(ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 119).

Sob o jugo dos produtos da indústria cultural, a constituição corpórea dos indivíduos parece se identificar com aquilo que os autores denominaram de *Corpus*, um corpo identificado à pura matéria, compreensível pelas leis da física e da química. Essa forma de percebê-lo “naturalmente” se difunde com base nos estereótipos de corpo que exigem dos indivíduos exercícios extremos de controle corporal. Não seria o caso de pessoas que se submetem a desgastantes e infindáveis exercícios físicos ou se recusam a ingerir alimentos, tendo em vista que uma parte de seu corpo não se encontra dentro das devidas proporções, uma expressão da imperiosa necessidade de submeter o corpo a um controle extremado, e, entretanto fantasiado de máxima liberação?

Sob a intensa difusão de modelos ideais de corpo, de experiências corporais e instrumentos técnicos e tecnológicos capazes de incidir sobre ele, por meio especialmente dos produtos da indústria cultural, todos parecem ter se transformado em manipuladores do *Corpus*. Aqueles que, de acordo com os frankfurtianos, viviam de exposições corporais, estavam ligados à prática circense e concebiam o corpo como “...um mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto...” (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 219), mas hoje parece que manipuladores são todos aqueles que reduzem suas experiências com o corpo à conquista de medidas, pesos, cor, enfim, artifícios adequados que permitam impressionar, ser percebidos e obterem o passaporte para a vida num mundo cada vez mais excludente.

Sendo assim, a concepção do corpo como matéria inerte, a-histórica, com peças articuláveis entre si, não deixa imune a de formação cultural, a *Bildung*, que sofre profundas alterações com o desenvolvimento da indústria cultural. Adorno, em sua *Teoria da Semicultura* (1996) observa como a idéia de formação é compreendida cada vez mais em termos de bens culturais tomados de forma dissociada das relações humanas concretas. Diz Adorno: “Max Frisch observou que havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranqüilamente da práxis assassina do nacional socialismo. (ADORNO; 1996, p. 339). Essa dissociação configura a passagem da formação cultural àquilo que Adorno chama de semiformação. Esta, além de ser constituída por bens culturais, dissociados de suas raízes históricas e de suas ligações com o sofrimento humano, não visa e nem pressupõe a autonomia, elemento tão necessário ao processo formativo. Para Adorno, a formação, necessária ao domínio burguês, que se afastou dos fins de realização de uma sociedade de seres livres e iguais e rendeu-se aos desígnios da

razão técnica e instrumental, já se converteu em semiformação. Como Adorno mesmo diz ,

a formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo. Contraditoriamente, no entanto, sua relação com a práxis ulterior apresentou-se como degradação a algo heterônomo, como percepção de vantagens de uma irresolvida bellum omnium contra omnes (...) Quando se denigre na prática dos fins particulares e se rebaixa diante dos que se honram com um trabalho socialmente útil, trai-se a si mesma. Não inocenta por sua ingenuidade, e se faz ideologia. Se na idéia de formação ressoam momentos de finalidade, esses deveriam, em consequência, tornar os indivíduos aptos a se afirmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre. (ADORNO; 1996, p. 339).

Reconhecendo a autonomia como o *a priori* da formação, Adorno indica quão avessos a essa idéia se colocam os estereótipos difundidos pelos produtos da indústria cultural, justamente porque obstaculizam a constituição de seres autônomos e livres. No que toca ao nosso objeto de estudo, a espetacularização do corpo humano no cotidiano finca suas bases numa educação corporal mediada pelo estereótipo, pela reprodução de um sempre igual, que, contudo, precisa adquirir ares de novidade. O modelo fornecido pelos produtos da indústria cultural mantém o indivíduo dele dependente e o conserva numa condição de menor e heterônomo. A relação com o corpo mediada pelo modelo, por conseguinte, constitui-se numa relação substitutiva em que, por um lado, o corpo é amado e potencializado nos elementos que atendem ao modelo, enquanto reprimido e odiado naquilo em que não atende. Talvez tenhamos que nos deter na busca pela manifestação desses elementos reprimidos, enquanto expressões do não-idêntico, da falsa identificação.

Como afirma Adorno na sua *Teoria da Semicultura* “A diferença sempre crescente entre o poder e a impotência sociais nega aos impotentes – e tendencialmente também aos poderosos – os pressupostos reais para a autonomia que o conceito de formação ideologicamente conserva”. (ADORNO; 1996, p. 343). Para o filósofo frankfurtiano, a necessidade de tornar manifesta a diferença entre poder e impotência social baseia-se nos prejuízos formativos tanto àqueles que possuem o poder quanto aos que não o possuem, pois tanto os primeiros quanto os segundos são subordinados às leis do capital, ao poder e aos estereótipos. Pensar essa diferença permita, quiçá, o reconhecimento da natureza no homem, a auto-reflexão da relação de amor e ódio pelo corpo, a excitação dos sentidos, e ainda o próprio conceito de impotência social na sua relação direta com a impotência do corpo: fraco, impreciso, indefinido, em oposição àquele exaltado e cultuado pelos produtos da indústria cultural. Tal impotência não deixa de constituir, apesar das diversas formas de ocultamento e ofuscamento, as práticas contemporâneas de excitação dos sentidos.

Compreendendo que a formação cultural só é possível sob os fundamentos da autonomia e da associação com as relações humanas concretas, Adorno levanta pressupostos para se pensar uma educação dos sentidos e do corpo em oposição ao modelo ideal, ao estereótipo difundido e intensificado pelos produtos da indústria cultural, especialmente contra a usurpação a eles inerentes.

A EDUCAÇÃO DO CORPO E DOS SENTIDOS NUM NOVO ESTÁGIO DA INDÚSTRIA CULTURAL

Frederic Jameson, em seu texto *Pós-modernidade e sociedade do consumo* (1985), ao apresentar dois conceitos para caracterizar o período cultural correspondente à reorganização atual das forças produtivas capitalistas, instiga a reflexão de algumas modificações vividas pela indústria cultural e, por conseguinte, suas influências sobre a percepção humana. Tais conceitos são o pastiche e a esquizofrenia, os quais correspondem, conforme o autor, a uma especificidade da experiência pós-moderna do espaço e do tempo, respectivamente. A prática do pastiche é, de acordo com Jameson, um dos traços mais importantes da pós-modernidade. Como um exemplo desse traço o autor cita filmes de nostalgia tais como *Guerra nas estrelas*, que ganham tal classificação não por representarem diferentes relações e organizações sociais e históricas, mas por remeterem o telespectador a um período específico de sua vida, como se a história a ser lembrada fosse a do programa; no caso, do filme, levando alguém que o assiste ao tempo em que o produto cultural foi exibido pela primeira ou segunda vez, e, ainda, permitindo às novas gerações assistir, pela primeira vez, àquele programa. Como o próprio autor afirma,

a produção cultural foi empurrada para o interior da mente, para dentro do sujeito monádico: já não mais fita diretamente, com seus próprios olhos, o mundo real à procura do referente; como na caverna de Platão, ela é forçada a buscar as suas imagens mentais do mundo nas paredes do seu confinamento (...) nos vemos condenados a buscar o passado histórico através de nossas imagens pop e de nossos estereótipos a seu respeito, o próprio passado permanesse, para sempre, fora do alcance. (JAMESON; 1985, p. 21).

Para Jameson, os produtos da indústria cultural tomam a si mesmos como referenciais na história humana, isto é, a história que se conta por meio da indústria passa a ser a dos próprios produtos. No texto de C. Türcke, "Prazeres preliminares - virtualidade-expropriação", identificamos uma compreensão semelhante: para ele, a indústria cultural tornou-se autoreferência para despertar os sentidos humanos que ela mesma fatigou. Para Türcke, o problema da indústria cultural hoje "...não

é mais saber como se martela padrões da indústria cultural nas massas, mas como se consegue ainda despertar os seus sentidos, fatigados, embotados por esse mesmo martelamento, para o consumo de estímulos". (TÜRCKE, 1999, p. 76). Como se digladiando consigo mesma, com os efeitos causados pelos próprios produtos, à indústria cultural só resta, agora, estimular os sentidos humanos com doses mais fortes do "ao vivo", seja da mais pura adrenalina, da violência, da pornografia e da tensão, a ponto de tais elementos serem percebidos e ansiados na realidade tal como o são na ficção. TÜRCKE tensiona bem essa questão em seu texto *Sociedade da Sensação*, quando diz:

ninguém questiona os passageiros de um ônibus, no qual uma horda de jovens agride uma garotinha e viola as próprias instituições, comportam-se como perfeitos telespectadores e desviam o olhar da cena vista apenas pela mãe que sussurra para que seu filho 'não olhe para lá'. É como se fosse possível desligar o controle remoto sempre que se fizesse valer o seguinte lema: o que não se percebe, não existe; quem não percebe não se complica. (TÜRCKE, 2000, p. 12).

Assim, utilizando-se dos mesmos meios que levaram a um desgaste dos sentidos, a indústria cultural agiria amalgamando real e virtual a fim de atender à necessidade de tornar seus produtos mais impressionantes e, por isso, perceptíveis. Dessa forma, a percepção humana aprenderia a suportar, na realidade, cargas de elevada tensão, reagindo da mesma maneira que diante de cenas ao vivo transmitidas pela televisão. Como um analgésico que alivia a percepção da dor diante do real, seria perseguida a intensificação das experiências veiculadas por todo globo, ao mesmo tempo em que seria ignorado o existente, tal como se pressiona o *power off* do controle remoto.

Nesse contexto, em que a história parece estar sendo recontada a partir dos estereótipos da indústria cultural, como assegura Jameson, sendo o presente percebido apenas quando não compromete, como indica TÜRCKE, o que se torna fundamental é ser percebido a qualquer custo, aqui e agora, como sempre o mesmo. Um sempre igual que, em termos de constituição corpórea, caracterizada pela constante mutação e pelo constante perecimento, não pode existir. Essa já é uma de suas incompatibilidades com os estereótipos da indústria cultural.

A questão que podemos propor com base nessa idéia é: onde, no passado e no presente, há espaço para manifestação de elementos que configuram a história do corpo, tal como o sofrimento físico presente na adequação e na inadequação aos estereótipos corporais, nas experiências corporais que não deram "certo" ou não atenderam às atividades que exigem alta performance (por exemplo, numa modalidade esportiva) e ainda especificamente em meninas adolescentes que não conseguem controlar os índices de risco nos limites apropriados da beleza e do

sucesso? Onde se encontra, nesse passado e presente, o fracasso, a vergonha, a falha, a infelicidade e as limitações humanas como forças também impulsionadoras do futuro? Por mais que se lhes ocultem na memória, o corpo tende sempre a reapresentá-los, mesmo que de maneira deformada e descontrolada. Assim, quanto mais deixam de ser percebidos socialmente, por também deixarem de ser apresentados culturalmente, mais esses elementos penetram nas experiências corporais que não os toleram, mas que, entretanto, são por eles constituídas.

Quanto mais a história é apresentada como uma soma de vários produtos culturais, maior parece ser a tendência de dela se extirparem todos aqueles constituintes do ser humano que evocam a lembrança de sua impotência corporal. Tal tendência histórica se expressa especialmente quando as relações sociais concretas são substituídas por relações mediadas tecnicamente pela rede, e todo e qualquer sofrimento físico é condenado, ora ao silêncio ora à superação, que novamente o arrasta ao silêncio. Como lembra Türcke, qualquer comunicado (ou relação) por meios técnicos "... só é bem sucedido à medida que ele também comunica algo da privação que está nas suas origens." (TÜRCKE, 1999, p. 71).

Assim, celebrar as experiências substitutivas marcadas pela afirmação do estereótipo sem denunciar a privação nelas contidas corresponde a colaborar para a reprodução do sempre igual e para a negação do diferente, do corpo que possui tatuagens invisíveis como lembranças de experiências que não deram certo, mas que, entretanto, se deram.

Adorno, em sua obra *Dialética Negativa*, ao sustentar que "Se a dor fala, extingue-se" leva-nos a pensar que à própria dor é preciso dar voz; não se trata de identificá-la, mas possibilitar que seja pronunciada por ela mesma, que tome consciência de si, tendo em vista sua superação. Mas seria esforço contrário à tomada de consciência da própria dor as experiências em que o corpo tem seus sentidos intensamente excitados, como a suspensão de corpos por ganchos, a extrema magreza bela de adolescentes anoréxicas, os esportes cheios de adrenalina? Seriam elas ações inconscientes contra o sofrimento?

Pensar essas experiências embasando-se no pensamento adorniano, talvez corresponda a refletir especialmente sobre os momentos de sofrimento, de derrota e desfalecimento contidos nelas como elementos que não precisariam existir, mas que, entretanto, manifestam toda dor que se gostaria de ocultar e tornar aceitável. Dessa forma, poderíamos dizer que o sofrimento físico necessário para a acomodação individual a relações sociais cada vez mais excludentes parece conservar sintonia com a procura cada vez maior por experiências que significam, antes de tudo, vencer o medo, a dor, o risco; enfim, a morte. No interior dessa cultura que exalta os extremos, a formação do corpo e da percepção humana aparece marcada pela progressiva intensidade, isto é, o corpo parece ser cada vez mais submetido

a experiências mais chocantes, que, ao mesmo tempo, recordam e superam a morte.

Uma das mais preocupantes manifestações daquilo que Jameson chama de pós-modernidade parece ser a dificuldade de relacionamento do momento presente com o passado e com o futuro, conservada na medida em que a história das relações humanas é transfigurada em história dos produtos culturais, da imagem, do estereótipo. Certo entrosamento pode ser observado entre a afirmação de Jameson e a passagem de *Sociedade do Espetáculo* de Debord, em que se lê:

o princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por 'coisas supra-sensíveis embora sensíveis', se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência. (DEBORD, 1997, p. 36).

Ora, que correspondência essa “dominação de coisas supra-sensíveis embora sensíveis” poderia estabelecer com as experiências proporcionadas pelas novas tecnologias da indústria cultural, tais como a realidade virtual e a rede Internet? Türcke (1999) ajuda a pensar algumas das relações entre elas e a capacidade perceptiva humana. Partindo de um olhar fundamentado na perspectiva frankfurtiana sobre os produtos da indústria cultural, Türcke argumenta que o princípio fundamental da multimídia é

... desenvolver para cada um dos sentidos humanos o sistema de transmissão de dados que lhe é conforme e somar todos os meios de transmissão em uma impressão global, cuja plasticidade não deverá perder em nada no confronto com o hic et nunc concreto, no qual o respectivo indivíduo se encontra. (TÜRCKE, 1999, p. 64).

Assim entende-se porque, para ele, os sentidos humanos vêm sendo submetidos a um progressivo processo de desgaste pelos produtos da indústria cultural. Cansada com o bombardeio de estímulos, a percepção humana precisaria, segundo Türcke, ser submetida a estímulos cada vez mais intensos. Tal argumento passa ao largo de assertivas comuns de que as novas tecnologias, como a rede Internet e a própria realidade virtual seriam um grande avanço sobre o cinema, a televisão e o rádio, exatamente por permitirem, diferentemente daqueles, a interação entre emissor e receptor da imagem e da informação. O autor reitera o pensamento de Adorno e Horkheimer, especialmente quando estes afirmam:

quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais

empobrecidas as vivências de que ele é capaz. (...) A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos... (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 47).

Essa passagem da *Dialética do Esclarecimento* encontra eco nas análises de Türcke, especialmente quando, ao analisar a rede de comunicações e a realidade virtual hoje, identifica a busca de se desenvolver para cada um dos sentidos "... um sistema de transmissão de dados que lhe é conforme e somar todos os meios de transmissão em uma impressão global, cuja plasticidade não deverá perder em nada no confronto com o *hic et nunc* concreto, no qual o respectivo indivíduo se encontra." (TÜRCKE, 1999, p. 64). Esse estímulo e trato em separado dos sentidos humanos parecem preservar a continuidade daquele primeiro serviço oferecido pelos produtos da indústria cultural aos seus consumidores, o qual fora apontado por Adorno e Horkheimer. A capacidade de, desde o início, organizar os dados da realidade e oferecer uma forma de percepção desses dados liberou o indivíduo de fazê-lo e educou-o a acompanhar as imagens que passavam e passam velozmente diante dele. De uma forma ainda mais intensa, o estágio atual da indústria cultural é caracterizado por Türcke pela "... ergonomia da percepção, que começa a estimular e excitar artificialmente e em separado os sentidos cansados da visão, da audição e da pele". (TÜRCKE, 1999, p. 76). Nesse estágio, assegura o autor, o indivíduo se vê expropriado de sua faculdade da imaginação e de seus sentidos internos, capazes de relacionar integralmente todas as percepções com suas experiências. Como ele mesmo diz, "... um olho que apenas vê, um ouvido que apenas ouve, não chegam nem a fazer isso. Órgãos desse tipo se tornam especialistas bisonhos (*Fachidiot*), reagem apenas a estímulos, ao invés de integrar o que percebem no fundo da experiência sensorial global." (TÜRCKE, 1999, p. 77). Assim se tornam exatamente por serem exercitados em demasia como meros reflexos condicionados pelos estímulos dados pela indústria da cultura. O cansaço dos sentidos, a fadiga corporal e a superação dos limites presentes no corpo por meio de elevadas doses de excitação e domínio corporal, ao invés de torná-lo mais vivaz, imobiliza-o, atualizando a assertiva da *Dialética do Esclarecimento*: "Ele permanece um cadáver por mais exercitado que seja". (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p.218) Como afirma Türcke, a expropriação específica de nosso tempo é a de nossos sentidos interiores, esvaziados pela inundação de imagens e estímulos dos novos produtos da indústria cultural, tais como a *virtual reality* e a rede *Internet*. Assim, talvez devêssemos indagar se o próprio exercício de manter os sentidos conectados não atuaria como um meio eficaz de conservar o corpo como um cadáver.

Na sociedade do espetáculo, em que o sensível é substituído por imagens, que existem acima dele, o próprio sensível, ainda existente, passa por um profundo

processo de transformação, em que cada vez mais tende a se assimilar ao suprasensível, ao espetacular, ao sensacional. Nesse aspecto, as experiências mais intensas e instantâneas se constituiriam como um meio de não só acostumar o corpo e suas percepções à fungibilidade e à intensidade, mas de levá-lo a eleger os aspectos como expressão de vida.

As manifestações corporais que apontam para uma radicalização das proporções e das experiências físicas já tendem a não espantar os indivíduos, que, fascinados, aderem a elas cada vez mais. Em outras palavras, têm se tornados comuns e banais, experiências e formas corporais que alcançam os extremos, no que toca mesmo a se atingirem os limites da integridade da vida. Algo que pulsa no espetáculo corporal é o desafio, o risco, a aproximação da morte: física, concreta, real; como se o risco correspondesse a um meio de se forjar a superação da limitada materialidade, da finitude, da indefinição representada pelo corpo; de se ensinar o indivíduo a reprimir a dor e jamais revelar os limites do corpo, negando sua materialidade, apagando as falhas e os desvios que esse corpo possa apresentar, enfim, conservando o mito da dominação absoluta deste e da natureza.

Numa constante luta pela autoconservação, sobrevive aquele mais preparado para reprimir o medo e a dor, para vencer os limites e perceber o menos possível, a ponto de desacostumar-se da sensação da brisa suave, quando apenas o vento feroz da alta e inigualável velocidade faz-se presente. Tal vento feroz que “anima” o corpo a identificar a vida com experiências corporais limítrofes possuiria alguma relação com a tempestade de que fala Benjamin, que sopra do paraíso arrastando o anjo da história e produzindo diante dele “um amontoado de ruínas”?

Türcke, no seu texto *Sociedade da Sensação*, afirma que a máxima de Berkeley, *ser é ser percebido*, tornou-se uma realidade na sociedade atual, isso porque, conforme ele, os indivíduos, imersos numa multidão de mercadorias, percebem apenas as que se sobressaem, assim como também só são percebidos quando se destacam (TÜRCKE, 2000, p. 03). Na sociedade da sensação, aquilo que não atinge o caráter de extraordinário torna-se de difícil percepção. Nela, Türcke destaca que o próprio indivíduo luta para ser percebido, uma vez que a sua existência social e individual passa a depender desta percepção. Lastória (2004) ao apontar modificações corporais diversas operadas por tribos urbanas, além de desenvolver a reflexão de Türcke sobre a necessidade de impressionar para ser percebido, discute como diferentes rituais de perfurações do corpo se tornaram experiências de “autocertificação da própria existência”, consideradas por seus praticantes formas de protesto perante a sociedade contemporânea, fundada na propriedade e nos bens. Nesse sentido, os rituais de perfuração chamam cada vez mais a atenção e atraem adeptos que vêm nos rituais de auto-sacrifício uma experiência de autopurificação que os melhoram na medida em que a dor provocada,

além de propiciar o sentimento de seus próprios corpos, os aproximam daqueles que sofrem de forma ainda mais forte as pressões sociais, tais como os deficientes e outras minorias.

Zuin (2003) em seu artigo sobre as aulas de *Spinning* nas academias de ginástica também aponta para importância daquelas reflexões presentes em Türcke, cujo ponto central é a busca pela sensação. Contudo, em Zuin (2003), aquela necessidade de impressionar, de ser percebido e de se perceber se manifesta não como uma forma de protesto à sociedade atual, mas como forma de integração, que passaria pela experiência da exaustão corporal. Em seu texto, intitulado "O corpo como publicidade ambulante", Zuin demonstra a fúria desta atividade contra o corpo, que não pode ser percebido senão como um corpo exausto, como se só assim ele pudesse aproximar-se da sensação de estar vivo, e é claro, se aproximar do logotipo capaz de torná-lo percebido.

Como manifestações desse processo de espetacularização do sensível, orientados pelos atuais traços da indústria cultural, queremos chamar a atenção para duas que nos parecem constituintes desse fenômeno: a anorexia e a bulimia nervosas, dois transtornos alimentares geralmente diagnosticados juntos. De acordo com Borges e Claudino (2002), a anorexia nervosa, caracterizada por diminuição do apetite, amenorréia, aversão à comida, obstipação, emagrecimento extremo e hiperatividade, foi descrita pela primeira vez em 1689; já a bulimia nervosa, caracterizada pela ingestão compulsiva e rápida de grande quantidade de alimento, acompanhada de indução ao vômito, de uso de laxantes e restrições alimentares severas derivadas de um medo mórbido de engordar foi identificada há quase um século, como 'obsessão da vergonha do corpo'. (BORGES; CLAUDINO, 2002, p.05) Verificados principalmente em grandes cidades, diferentemente do que se acreditava tais transtornos vêm sendo constatados em um número crescente de pessoas de diferentes etnias. O temor intenso de ganhar peso e uma perturbação significativa na imagem corporal são características tanto da anorexia quanto da bulimia nervosa. Geralmente diagnosticadas em meninas adolescentes, são marcadas pela recusa em manter o peso corporal na faixa normal mínima, pois apesar de haver um reconhecimento de magreza há também a identificação de que partes do corpo fogem do padrão estabelecido socialmente. Esse transtorno alimentar traz em si uma ânsia individual de não ser identificado com a massa, sobretudo com a massa de pessoas que não se enquadram nos estereótipos, e ao mesmo tempo oferece à indústria cultural matéria a ser reproduzida.

Nas adolescentes anoréxicas, ao mesmo tempo em que é possível ver a imagem de corpo individual produzida pela experiência sensível com o próprio corpo, e suas peculiaridades sendo suprimidas pela imagem supra-sensível enfaticamente veiculada e elaborada pelos produtos da indústria cultural, também

encontramos a imagem de um intenso controle sobre o corpo, que reage com os elementos de que dispõe: o descontrole, a compulsão, a fraqueza.

Sobre isso, somos levados a supor que a identificação social da beleza com corpos extremamente magros reitera a necessidade de se controlar permanentemente o corpo e tudo o que nele "... conduz à rememoração de sua constituição orgânica vivente". (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p.218). O que o próprio estereótipo busca extirpar. O fato das pessoas já não se impressionarem com corpos tão magros, mas desejarem-no intensamente parece já dizer algo sobre um processo de educação das percepções e de progressivo domínio sobre o corpo, reconhecido como partes articuláveis. Seu domínio, contudo, aponta para a necessidade de mais domínio, o que indica que na mesma medida em que atua encontra resistências, seja na forma de crises alimentares compulsivas, descontroles ferozes no ato de se alimentar, seja na forma da compulsão de sentir, de perceber incessantemente tudo e todos.

Adorno reconhece no conceito de modelo ideal (*Leitbild*) um momento específico, o da heteronomia. Conforme o filósofo "nele existe algo de usurpatório". (ADORNO, 1995, p. 141). Entendemos aqui esse "algo de usurpatório" tanto no sentido daquilo que obstaculiza a possibilidade de constituir modelos singulares e diferenciados, quanto no sentido daquilo que depura do modelo ideal as condições e os sofrimentos humanos que o levaram a existir. Se houver sentido nesta compreensão, tomar como menos importante o processo de educação mediada dos sentidos, isto é, filtrada pela indústria cultural, é esquecer que por esse filtro não passa a história de sofrimento que inspirou cada um desses produtos. A imagem de corpo belo, aproximada perigosamente da morte, traduz e reforça o domínio do corpo como algo sem vida, como algo que deve ser controlado, contido e disciplinado e, por isso, merecedor de sucesso e fama. Por outro lado, também oculta a vida presente no corpo, que se expressa na dor como reação à necessidade de adaptação, como expressão da não-dominação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos a relação com o corpo tratada por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, passamos a refletir sobre como o amor ao corpo hoje, mais do que em qualquer outra época, encontra-se acompanhado do ódio, isto é, da necessidade de superá-lo, de anulá-lo enquanto o outro da racionalidade técnica e da tecnologia. Nesse sentido, a frase dos frankfurtianos "ele permanece um cadáver por mais exercitado que seja" (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 217) permanece válida em nossa época, fornecendo-nos elementos para pensar as sensações vividas em nosso tempo, e para nos perguntarmos se a condição do

corpo como algo morto não advém da forma com que ele vem sendo exercitado e excitado, isto é, como uma matéria composta de peças articuláveis entre si, modeláveis e cada vez mais descartáveis. Sobre tal forma parecem estar fortemente radicada as intensas atividades citadas no início deste texto e a imagem corporal cultivada na sociedade ocidental atual, especialmente a almejada por meninas anoréxicas e bulímicas.

Os pontos de contatos entre as formas de percepção e exercícios corporais fomentados pelos produtos da indústria cultural e a expropriação dos sentidos internos humanos, inicialmente apontada por Adorno e Horkheimer, parecem se encontrar no aprofundamento daquela relação de amor e ódio. Como expressão disso temos a imagem de corpo feminino belo difundido pelos produtos da indústria cultural, que traz como fundamento uma relação de extremo domínio do corpo compreendido como um material cujas partes podem ser separadas e manipuladas, levando a uma progressiva reafirmação daquele indivíduo "...violento e rancoroso, que já não suporta a menor expressão daquilo que conduz à rememoração de sua constituição orgânica vivente...". (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 217) A percepção do corpo como um conjunto de peças que devem ter determinadas proporções e o medo severo de engordar derivam, com base nessa reflexão, não só da necessidade de se ser percebido, uma vez que se faz necessário sobressair-se e ao mesmo tempo ser igual aos produtos culturais ofertados, mas advém sobretudo da condição individual de o homem não suportar a recordação de sua constituição orgânica vivente, cuja fluidez, descontrole e entrega à felicidade primeva são incabíveis no processo de acirramento da fungibilidade e da competitividade individual.

A dificuldade de perceber o imediato de que falam Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* é analisada por Türccke (1999) como algo que se aprofundou no processo de desenvolvimento da tecnologia. Isso possibilita aos produtos da indústria cultural exercitarem os sentidos humanos de modo a perceberem o mediato como imediato, ao mesmo tempo em que os desacostumam a se relacionarem entre si e com o imediato. Essa dificuldade parece encontrar-se na base tanto do comportamento de meninas que suprimem a dor física e imediata do corpo em função dos modelos ideais de beleza física, difundidos no mercado, quanto dos comportamentos que identificam na dor física uma forma de diversão. Nesse sentido, o próprio sofrimento físico de meninas anoréxicas, que se recusam a se alimentar, é sentido como algo ínfimo perto da dor provocada pela inadequação aos modelos socialmente 'aprovados'. A organização e a classificação dos dados da realidade efetuadas pelos produtos da indústria cultural fornecem um direcionamento das percepções e educa os indivíduos a acompanhar as imagens que passam velozmente diante deles, tanto na tela quanto na vida. A fraqueza e a

dor humana mediatas passam a ser percebidas como imediatas; exemplo disso é a dor provocada em meninas anoréxicas e bulímicas devido à inadequação ao estereótipo. A mediação da dor oculta, contudo, o fundamento da dominação do indivíduo sobre si, e as condições objetivas que negam ao indivíduo a autonomia necessária ao processo formativo.

Türcke, ao apresentar a máxima de Berkley “Ser significa ser percebido” como um imperativo contemporâneo orientado pela indústria cultural, fornece subsídios para se pensar que a forma de se contrapor a ele encontra-se num processo educativo em que o corpo não seja reduzido a imagem ou a algo que precisa ser superado em sua materialidade, em que seja valorizado o exercício de se perceber o que não se sobressai, em que seja dado valor especial à falha e às dificuldades inerentes ao processo de adaptação do indivíduo à sociedade. Talvez assim encontremos um conteúdo de verdade: a falsa identificação do particular com o universal, ou seja, a falsa concordância e harmonia entre os indivíduos e a sociedade. Escovando “a história a contrapelo”, como defende Benjamin, em vez dos indivíduos excitarem ao máximo seus sentidos e serem educados para impressionar, poderiam exercitar sem rancor a natureza que os constituem e lembrar-se de que a máxima percepção pode significar o esquecimento da natureza no homem.

O esquematismo da percepção observado por Adorno e Horkheimer como algo inerente aos produtos da indústria cultural; a relação de amor e ódio pelo corpo e a expropriação dos sentidos internos, denunciados por Christoph Türcke; e a redução da história à dos produtos da indústria cultural, desenvolvida em Jameson, ajudam-nos a visualizar uma realidade social que, de um lado, adapta o corpo e os sentidos às relações sociais determinadas pela lei do equivalente, e, de outro, admite a força contida nos sentidos e na dimensão corpórea humana. Nesse aspecto, o primeiro e principal objetivo desta “indústria” defronta-se com a “impotência corporal” refletida no cansaço, no desgaste dos sentidos, na falha, na fraqueza. Ela carrega a marca da natureza e a limitação do corpo ao ritmo, à velocidade, à intensidade, à radicalidade; enfim, à heteronomia dos produtos da indústria cultural, que objetivamente inviabilizam a relação interna dos sentidos, o exercício não fragmentado e o enraizamento dos mesmos na tradição de cada indivíduo. Pensar esses produtos na educação dos sentidos e do corpo, em oposição às experiências de superação progressiva da dor e do sofrimento físico presentes nas atividades radicais e nas relações com o corpo que servem de matéria-prima à indústria cultural talvez signifique romper com a força do estereótipo e de tudo aquilo que sobressai, sendo, no entanto, sempre o mesmo.

NOTAS

¹ Prática em que ganchos são ligados a um mecanismo de cordas e roldanas para erguer o corpo humano. A cena em que as pontas afiadas de um gancho são introduzidas sob a pele de voluntários, tal como numa peça de carne num açougue, com cuidado apenas para não atingir os músculos, é acompanhada de música *tecno*, quando então, com uma tração lenta e constante, as cordas são puxadas até que o corpo fique totalmente suspenso no ar. A suspensão por ganchos integrava um ritual de tribos dos Estados Unidos e da Índia. Hoje, contudo, assume uma configuração diferenciada, que é discutida neste texto.

² Ritual de nativos da ilha de Pentecost, no pacífico sul, baseado na crença de maior produtividade na colheita. Bungee jump é um dos esportes radicais de nossa época, caracterizado pelo ato básico de saltar de um lugar elevado e confiar somente em um cabo elástico de segurança para impedir a morte.

³ Termo latino da época de Cícero (106-43 aC) usado para designar aversão à comida, enjôo do estômago ou inapetências.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. Teoria da Semicultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, ano 17, n.56, p. 338 – 412, dez. 1996.

ADORNO, T.W. Educação para quê? In: *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1986

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas).

CLAUDINO, Angélica de Medeiros e BORGES, Maria Beatriz Ferrari. Critérios diagnósticos para os transtornos alimentares: conceitos em evolução. *Revista Brasileira de Psiquiatria.*, dez. 2002, vol.24 supl.3, p.07-12. ISSN 1516-4446.

DEBORD, Guy. Sociedade do Espetáculo. *Tradução de Estela dos Santos Abreu*. São Paulo:Contraponto, 1997.

JAMESON, Friedrich. Pós-modernidade e sociedade de consumo. In.: *Revista Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 12. 1985.

LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco. Utopias somáticas como contra-face da

distopia social. In: Colóquio Internacional "Teoria Crítica e Educação", 2004, Piracicaba. Anais Eletrônicos...Piracicaba: UNIMEP, 2004, Mesa Redonda. CD-ROM . ISSN 1807-1511

MORGAN, Christina M, VECCHIATTI, Ilka Ramalho e NEGRAO, André Brooking. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, dez. 2002, vol.24 supl.3, p.18-23. ISSN 1516-4446.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade da Sensação: a estetização da luta pela existência*, 2000. (Mimeo)

_____. "Prazeres preliminares - virtualidade-expropriação". In: DUARTE, R., FIGUEIREDO, V. (Orgs.). *Mimesis e Expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. "A luta pelo logotipo". In: DUARTE, R., FIGUEIREDO, V. (Orgs.). *Mimesis e Expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

VIEIRA, João Luiz. "O barato da dor: cresce a tribo dos jovens que, em lugar de fugir da dor, fazem dela um estilo de vida". *Revista Época*, Edição 252 – Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT502467-1664,00.html>>. Acesso em 17/03/2003

ZUIN, Antonio Á. S. O corpo como publicidade ambulante. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação: Universidade Federal de Santa Catarina*, jan./jun 2003, vol.21, n. 01, p.39-54. ISSN 0102-5473.